



Orientação:



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Do conhecimento à prática.



O Papel dos Pensamentos Automáticos na Relação entre Flexibilidade Psicológica e Comportamento Agressivo na Adolescência

Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Portucalense Infante D. Henrique, integrada no Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde, realizado sob a orientação da Professora Doutora Paula Vagos.

Esta Dissertação é da exclusiva responsabilidade do seu autor. O Departamento de Psicologia e Educação da Universidade Portucalense Infante D. Henrique declina qualquer responsabilidade, legal ou outra, em relação a erros ou omissões que possa conter.

Beatriz Mota da Rocha, nº 38867

Junho, 2022



AGRADECIMENTOS

Após completar a presente dissertação, uma etapa importante da minha vida, expresseo o meu agradecimento, primeiramente, à minha Orientadora, Professora Doutora Paula Vagos, pela disponibilidade, compreensão e motivação ao longo deste percurso.

Agradeço à Casa que me acolheu ao longo dos melhores anos da minha vida, Universidade Portucalense, onde adquiri conhecimentos e experiências que levarei para a vida pessoal e profissional.

À minha Mãe e ao meu Pai, que com tanto orgulho me permitiram realizar este percurso, acompanhando sempre cada passo dado. O apoio inalcançável que me ofereceram jamais poderá ser retribuído com um Obrigada. Por todas as conquistas até aqui realizadas, dedico-vos a conquista de mais uma etapa tão importante.

Ao meu namorado, Guilherme, por me apoiares ao longo destes meses intensos, pela tua presença, motivação, paciência, carinho e Amor. Celebro contigo mais uma etapa e, por isso, fico-te eternamente agradecida.

Às minhas colegas de curso e amigas, pela vossa amizade, companheirismo, conhecimento e todos os bons momentos que levarei para a vida. Agradeço por estarem presentes ao longo destes anos. É um privilégio ter feito esta caminhada com vocês.

Aos meus avôs, *bu Mota* e *bu Manuel (in memoriam)*, dedico este momento.

O meu Eterno Agradecimento, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para um dos percursos mais bonitos da minha vida.



O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem procura e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.

- José de Alencar



RESUMO

A presente dissertação visa explorar o impacto da flexibilidade psicológica nos comportamentos agressivos dos adolescentes, bem como se esse impacto é mediado por pensamentos automáticos. Investigará, ainda, se o modelo explicativo do comportamento agressivo é aplicável para ambos os sexos. A amostra foi constituída por 155 participantes de duas escolas do norte do país, com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos de idade ($M = 13.3$; $DP = 1.07$), sendo 58,1% do sexo feminino. Responderam a um protocolo constituído por um questionário sociodemográfico, e questionários de autorrelato que avaliaram a prática e comportamento agressivo, a inflexibilidade psicológica e a frequência de pensamentos automáticos. Os resultados obtidos mostram que o impacto da flexibilidade psicológica nos comportamentos agressivos é totalmente mediado pela presença de pensamentos automáticos desadaptativos: níveis superiores de inflexibilidade psicológica preveem estes pensamentos, que por sua vez, preveem a adoção de comportamentos agressivos. Foi obtida variância total deste momento entre sexos, ao nível configuracional e métrica e, invariância parcial ao nível dos interceptos: o modelo é aplicável à explicação da prática de comportamento agressivo de rapazes e raparigas, pese embora existem diferenças na intensidade com que as variáveis se expressam por sexo. O sexo feminino apresenta níveis superiores de inflexibilidade psicológica, enquanto o sexo masculino apresenta maior prática de comportamentos agressivos das formas aberta e reputacional e, maior hostilidade ao nível dos pensamentos automáticos. Variáveis externas ao estudo podem ter-se refletido nos resultados obtidos. O estudo contribuiu para explicar teoricamente os construtos analisados, na adolescência, podendo ser uma motivação para o desenvolvimento de instrumentos de avaliação e intervenção psicológica, direcionados a esta população-alvo.

Palavras-chave: Adolescência; Flexibilidade psicológica; Pensamentos automáticos; Comportamento agressivo

ABSTRACT

The present dissertation aims to explore the impact of psychological flexibility on adolescents' aggressive behaviors, as well as whether this impact is mediated by automatic thoughts. It will also investigate whether the explanatory model of aggressive behavior is applicable for both sexes. The sample consisted of 155 participants from two schools in the north of the country, aged between 12 and 16 years of age ($M = 13.3$; $SD = 1.07$), with 58.1% being female. They responded to a protocol consisting of a socio-demographic questionnaire, and self-report questionnaires that assessed aggressive behavior and practice, psychological inflexibility and the frequency of automatic thoughts. The results obtained show that the impact of psychological flexibility on aggressive behaviors is entirely mediated by the presence of maladaptive automatic thoughts: higher levels of psychological inflexibility predict these thoughts, which in turn predict the adoption of aggressive behaviors. Total variance of this moment was obtained between sexes, at the configurational and metric level, and partial invariance at the intercepts level: the model is applicable to the explanation of the practice of aggressive behavior by boys and girls, although there are differences in the intensity with which the variables are expressed by sex. Females show higher levels of psychological inflexibility, while males show greater practice of aggressive behavior in the overt and reputational ways, and greater hostility in terms of automatic thoughts. Variables external to the study may have been reflected in the results obtained. The study contributed to theoretically explain the analyzed constructs, in adolescence, and may be a motivation for the development of psychological assessment and intervention instruments, aimed at this target population.

Keywords: Adolescence; Psychological flexibility; Automatic thoughts; Aggressive behavior



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	10
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	11
MÉTODO	15
Participantes	15
Instrumentos	16
<i>Revised Peer Experience Questionnaire-Bully version (RPEQ)</i>	16
<i>Avoidance and Fusion Questionnaire for Youth (AFQ-Y)</i>	16
<i>Children's Automatic Thoughts Scale – Negative/Positive (CATS-N/P)</i>	17
Procedimentos	18
RESULTADOS	20
Análises preliminares	20
Análise de correlação	20
Modelo estrutural	21
DISCUSSÃO	24
CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS	28
ANEXOS	33



INDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo concetual e estatístico de mediação simples19
 Figura 2 – Valores de significância e correlação na associação entre as variáveis do modelo ajustado.....22

INDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Valores de correlação entre as variáveis em estudo.....20
 Tabela 2 – Valores de médias das variáveis em estudo entre sexos23

INTRODUÇÃO

O comportamento agressivo caracteriza-se por um comportamento socialmente desajustado e intencional de proporcionar estímulos aversivos a outrem. A adoção destes comportamentos pode aumentar com a idade, podendo atingir o seu pico na adolescência. A tendência para realizar atribuições hostis ao comportamento de alguém manifesta-se, maioritariamente, em pensamentos automáticos desadaptativos, e tem sido consistentemente associada à prática de comportamentos agressivos ao longo da vida. Por seu turno, os modelos de terceira geração aplicados aos processos psicológicos propõem que a prática de determinados comportamentos está relacionada à forma como o indivíduo se relaciona com estes pensamentos, de uma forma que manifesta maior inflexibilidade ou flexibilidade psicológica. Rapazes e raparigas têm demonstrado diferenças na intensidade com que manifestam estas variáveis, mas a forma como as variáveis se relacionam para explicar o comportamento agressivo não tem sido estudada.

Assim, o presente estudo tem como objetivo perceber o impacto da flexibilidade psicológica nos comportamentos agressivos dos adolescentes, bem como se esse impacto é mediado pelos pensamentos automáticos. Ademais, investigará se o modelo explicativo do comportamento agressivo é igualmente aplicável para ambos os sexos.

A apresentação deste trabalho dividir-se-á em quatro secções. Primeiramente, o enquadramento teórico, onde se irá apresentar a revisão da literatura realizada para o desenvolvimento da dissertação. De seguida, o método que refere a caracterização da amostra recolhida, instrumentos administrados e procedimentos utilizados. Posteriormente, são apresentados os resultados obtidos recorrendo a análises estatísticas apropriadas. Por fim, realiza-se a discussão dos resultados obtidos.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Os problemas externalizantes são constituídos por um conjunto de fatores associados a um aumento do número de queixas relativas a comportamentos agressivos, problemas de atenção, desobediência, comportamentos desviantes, hiperatividade e problemas de autorregulação (Achenbach, 2001; Pacheco et al., 2005). A Organização Mundial de Saúde (WHO, 2000), estima que em cerca de 20% dos adolescentes, estejam presentes um ou mais tipos de problemas de comportamento. A prática destes comportamentos está associada a consequências como a baixa autoestima, baixa autoaceitação, baixo rendimento académico e isolamento (Botelho & Souza, 2007; Neto, 2005). Os comportamentos agressivos constituem-se como um marcador de problemas externalizantes.

O comportamento agressivo caracteriza-se por um comportamento socialmente desajustado e intencional de proporcionar estímulos aversivos a outrem, sendo justificado pelo desejo de fazer a vítima sofrer, ou por um ato que tem como objetivo a aquisição de um reforçador para quem pratica o comportamento agressivo (Buss, 1975). A adoção destes comportamentos vai aumentando à medida que a idade também aumenta, podendo atingir o seu pico na adolescência (Archer & Coyne, 2005). O comportamento agressivo pode ser distinguido em três diferentes formas: i) aberto; ii) relacional; e iii) reputacional. A forma aberta de agressão refere-se a um comportamento físico e verbal agressivo (De Los Reyes & Prinstein, 2004). Por outro lado, no que respeita às formas indiretas de agressão (i.e., relacional e reputacional), a agressão relacional tem como principal objetivo usar a relação que o agressor possui com a vítima de modo a prejudicá-la, recorrendo, maioritariamente, à manipulação (e.g., o agressor pode impedir a vítima, por exemplo um colega de turma, de participar em atividades de propósito) (Marsee et al., 2011; Putallaz et al., 2007). Na agressão reputacional, o agressor pretende prejudicar a reputação/relações sociais de outro, recorrendo à manipulação do grupo (e.g., espalhar rumores com o objetivo de excluir a vítima do grupo em que estava inserida) (Galen & Underwood, 1997). Estas formas de agressão podem ser vistas como estratégias sociais para atingir determinados objetivos (Archer & Coyne, 2005), e a forma como são praticados diferentemente por rapazes e raparigas tem sido alvo de diferentes conclusões.

Alguns estudos denotam que o sexo masculino tende a envolver-se com maior frequência em comportamentos agressivos (englobando as três formas de agressão supracitadas) comparativamente ao sexo feminino (Neto, 2014). Contrariamente, outros estudos verificaram ser o sexo feminino a envolver-se com maior frequência nas

diferentes formas de comportamento agressivo, comparativamente ao sexo masculino (Archer & Coyne, 2005). Aponta-se ainda que, o sexo masculino tem uma maior tendência para adotar a forma de agressão aberta, enquanto o sexo feminino revela uma maior tendência para adotar a agressão relacional (Crick, 1996; Crick & Grotpeter, 1995; Galen & Underwood, 1997).

Já no que se refere aos fatores explicativos do comportamento agressivo, não têm sido estudados em função do sexo. Tais fatores explicam esta conduta, com base no que ocorrer desde a receção do estímulo e a forma como é interpretado, até à produção de um comportamento (*outcome*). A interpretação depende de como o agressor percebe uma ameaça (Pinto, 2021), estando dependente de diferentes fatores (e.g., o próprio indivíduo, o contexto, a cultura, a idade, o sexo, *etc.*) (Ferguson et al., 2000). Segundo a literatura, o comportamento agressivo tem sido associado de forma sistemática à tendência para realizar interpretações enviesadas do comportamento de alguém (e.g., “os outros estão contra mim”; “os outros são injustos”), que se consubstancia na atribuição de uma intenção hostil a esse mesmo comportamento (Crick & Dodge, 1994; de Castro et al., 2002; Vasconcellos et al., 2006). Esta atribuição hostil é, maioritariamente, manifesta em pensamentos automáticos (PA) desadaptativos que podem potenciar a adoção de comportamento agressivos (Dias, 2012; Marchante, 2010). De acordo com Beck (2005), a cognição é um forte preditor do surgimento e/ou manutenção de determinadas perturbações. Estudos demonstram que os PA podem predizer o desenvolvimento ou manutenção de problemas nos adolescentes, como perturbações do comportamento (Schniering & Rapee, 2002), ansiedade (Kendall & Treadwell, 2007), perturbação obsessivo-compulsiva (Wilson & Chambless, 1999) ou depressão (Tanaka et al., 2006).

Os pensamentos automáticos (PA) surgem dependendo do tipo de situação/contexto, podendo ser tanto adaptativos como desadaptativos (Beck & Dozois, 2011). São a camada mais superficial do sistema cognitivo, tendo curta duração, permitindo ao indivíduo atribuir rapidamente uma emoção à situação que percebe (i.e., pensamento) que lhe está a acontecer, ao invés de analisar o conteúdo deste pensamento (Beck & Dozois, 2011). Os PA desadaptativos surgem através de uma representação errónea da realidade, associando-se a estados emocionais negativos, de grande intensidade e desadaptativos, interferindo com o ajustamento do indivíduo (Gómez-Maquet, 2007). Contrariamente, os PA adaptativos originam consequências positivas, contribuindo para o ajustamento do indivíduo, segundo o mesmo autor. Um estudo realizado com adolescentes entre os 10 e os 19 anos (Santos, 2015), revela que existem diferenças significativas entre sexos, associadas à frequência de pensamentos automáticos, nomeadamente no que se refere à *Visão Negativa de Si*, sendo o sexo feminino a apresentar

valores mais elevados, assim como a *Hostilidade* e os *Pensamentos Positivos* (i.e., adaptativos), onde é o sexo masculino que apresenta resultados superiores.

Recentemente, abordagens terapêuticas de terceira geração vêm propor que não são os pensamentos que potenciam a prática de determinados comportamentos, incluindo o comportamento agressivo, mas sim a forma como o indivíduo se relaciona com estes pensamentos. Concretamente, os PA e seus *outcomes* podem estar então, associados a uma maior (in)flexibilidade psicológica no adolescente (Ruiz & Odriozola-González, 2016). Os conceitos de inflexibilidade e flexibilidade psicológica são base constituinte da Terapia da Aceitação e Compromisso (*Acceptance and Commitment Therapy*; ACT). Segundo Moura e Leite (2019), o acrónimo ACT significa aceitar os pensamentos, sentimentos e estar presente (A), escolher uma direção valorizada (C) e tomar uma atitude/adotar um comportamento (T). Tendo em conta as componentes base do modelo, a inflexibilidade psicológica é vista como a principal causa do sofrimento psicológico, referindo-se ao evitamento das experiências internas negativas e consequente diminuição de adoção de comportamentos consistentes, em direção a objetivos valorizados, o que se pode traduzir em níveis mais elevados de agressão (Francis et al., 2016).

Em concreto no que se refere à forma como o indivíduo se relaciona com os seus PA, no caso da inflexibilidade psicológica é referida a Fusão Cognitiva, que se associa à excessiva/inadequada regulação de pensamentos, tendo impacto nos comportamentos através de processos verbais (e.g., regras e redes relacionais derivadas) (Hayes et al., 2006; Moura & Leite, 2019). Já na flexibilidade psicológica, a relação com os PA é baseada na Desfusão, que se refere ao aprender a separar/desligar dos próprios pensamentos, imagens e memórias, sendo uma forma diferente de se relacionar com experiências internas, reduzindo a qualidade literal da experiência, e, em última instância, promovendo a escolha e prática de ações valorizadas (Hayes et al., 2006; Moura & Leite, 2019).

A promoção da flexibilidade psicológica (i.e., aceitação de experiências internas diversas e ação comprometida em direção aos próprios valores) apresenta um impacto positivo associado a diversas áreas de vida, nos adolescentes (e.g., Berkout et al., 2019, Zarling et al., 2015, Takahashi et al., 2020). Estudos realizados com adolescentes indicam que a ACT apresenta um impacto positivo na diminuição de problemas em conflitos com grupos de pares (Berkout et al., 2019), diminuição da agressão física e psicológica, diminuição do evitamento experiencial e desregulação emocional, tendo efeitos positivos tanto a curto como a longo prazo (Zarling et al., 2015), diminuição do stress, sintomas depressivos e de experiências negativas (Takahashi et al., 2020).

Assim, a inflexibilidade psicológica como forma de lidar, de modo adaptativo, com os PA desadaptativos, poderá contribuir para explicar a prática de comportamentos agressivos, além do efeito dos PA nessa prática. O presente estudo pretende perceber o impacto da flexibilidade psicológica nos comportamentos agressivos dos adolescentes, bem como se esse impacto é mediado pelos pensamentos automáticos. Espera-se que a inflexibilidade psicológica esteja associada à adoção de comportamentos agressivos (Crick & Dodge, 1994; de Castro et al., 2002; Vasconcellos et al., 2006) e que mais pensamentos automáticos desadaptativos sejam previstos por um maior nível de inflexibilidade psicológica e preveja maior prática de comportamentos agressivos (Hayes et al., 2006; Moura & Leite, 2019), assumindo a variável pensamentos automáticos, um papel mediador significativo. Como objetivo secundário, este estudo investigará se este modelo explicativo do comportamento agressivo é igualmente aplicável para ambos os sexos. Embora estudos anteriores apontem diferenças de médias quer nos PA (e.g., o sexo feminino apresenta menos pensamentos adaptativos e mais PA acerca de uma visão negativa de si própria, enquanto o sexo masculino apresenta maior hostilidade; Santos, 2015; Schniering & Rapee, 2002) quer na prática do comportamento agressivo (e.g., Neto, 2014), é de esperar que os processos pelos quais os diferentes constructos estão associados sejam idênticos entre adolescentes do sexo masculino e do sexo feminino. Esperam-se estes resultados devido à semelhança do que foi encontrado anteriormente na literatura, onde adolescentes do sexo feminino apresentam pontuações mais elevadas nos comportamentos negativos direcionados a si próprias, ansiedade e stress, enquanto adolescentes do sexo masculino apresentam valores superiores na agressão física e raiva (Paulo et al., 2020).

MÉTODO

Participantes

No presente estudo empírico recolheu-se uma amostra ($n = 155$) constituída por 65 (41,9%) adolescentes portugueses do sexo masculino e 90 (58,1%) do sexo feminino. Os participantes apresentam idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos ($M = 13.3$; $DP = 1.07$). A recolha dos dados foi realizada em duas escolas públicas do concelho de Vila Nova de Gaia. O critério de inclusão refere-se à frequência no 3º ciclo de escolaridade e o critério de exclusão aplica-se a quem estiver abrangido pelo Decreto-Lei nº54/2018, referente a Necessidades Educativas Especiais.

Foi realizado um teste t para amostras independentes entre as variáveis Idade e Sexo, verificando-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre estes valores, na medida de idades entre rapazes e raparigas, sendo que os rapazes apresentam uma média de idades de 13.26 ($DP = 1.07$) e as raparigas uma média de idades de 13.31 ($DP = 1.08$), [$t(153) = .284$, $p = .78$]. Na amostra, verifica-se ainda que 60 participantes (38,7%) pertencem ao 7º ano, 48 (31%) pertencem ao 8º ano e 47 (30,3%) integram o 9º ano.

Foi realizada uma análise de associação de teste qui-quadrado entre as variáveis Sexo e Ano de escolaridade, que se revelou significativa [$X^2(2) = 3.012$, $p = .22$], indicando que rapazes e raparigas estão distribuídos uniformemente pelos diferentes anos de escolaridade. A maioria dos participantes ($n=137$; 88,4%) nunca reprovou ao longo do seu percurso escolar. Além disso, 33 dos participantes (21,3%) tem acompanhamento psicológico individual, e 28 (18,1%) apresentam um problema de saúde físico e/ou psicológico diagnosticado.

Partindo da classificação do nível socioeconómico atribuído a cada participante, tendo por base as diretrizes de (Instituto Nacional de Estatística, 2011), denota-se que, dos 146 participantes (i.e., 9 participantes não preencheram esta questão), 18 (11,6%) pertencem a um nível socioeconómico baixo, 123 (79,4%) integram um nível socioeconómico médio e 5 (3,2%) correspondem a um nível socioeconómico elevado.

De acordo com a análise de associação de teste qui-quadrado entre as variáveis Sexo e Nível socioeconómico, para observar a existência da distribuição de forma aleatória pelos diferentes níveis socioeconómicos, entre o sexo masculino e o feminino ($n = 146$), reporta-se que o nível de significância é significativo [$X^2(2) = 1.373$, $p = .5$], indicando que rapazes e raparigas estão distribuídos uniformemente pelos diferentes níveis socioeconómicos.

Instrumentos

Revised Peer Experience Questionnaire-Bully version (RPEQ)

Para avaliar o comportamento agressivo recorrer-se-á à RPEQ (De Los Reyes & Prinstein, 2004; versão portuguesa Queirós & Vagos, 2016) na sua escala de bully, que avalia a prática de atos agressivos ou comportamentos pró-sociais para com pares no último ano. É constituída por 14 itens, cotados segundo uma escala de resposta Likert de cinco pontos (1 = “Nunca” a 5 = “Algumas vezes por semana”). Considera quatro construtos, mas para o presente estudo serão tidos em conta os três construtos que avaliam formas de atos agressivos, segundo a perspetiva do agressor que pratica estes atos: i) aberta (e.g., “Ameacei um miúdo que o magoaria ou lhe bateria”); ii) relacional (e.g., “Excluí um miúdo do que eu estava a fazer”); e iii) reputacional (e.g., “Tentei prejudicar a reputação social de um miúdo espalhando rumores sobre ele”). A versão original (De Los Reyes & Prinstein, 2004) apresenta uma consistência interna satisfatória, tendo um $\alpha = .83$ para a agressão aberta, $\alpha = .68$ para a agressão relacional e $\alpha = .76$ para a agressão reputacional. A versão portuguesa (Queirós & Vagos, 2016) confirmou a estrutura interna da escala, bem como encontrou bons indicadores de consistência interna (i.e., $\alpha = .88$ para a agressão aberta, $\alpha = .75$ para a agressão relacional e $\alpha = .91$ para a agressão reputacional) e validade de constructo em relação a outra medida de comportamento agressivo e de psicopatia. Na presente amostra verificou-se para a agressão aberta um $\alpha = .76$, para a agressão relacional um $\alpha = .72$ e para a agressão reputacional um $\alpha = .62$.

Avoidance and Fusion Questionnaire for Youth (AFQ-Y)

O Questionário de Evitamento e Fusão para Adolescentes (Greco et al., 2008; versão portuguesa Cunha & Santos, 2011) é um instrumento de autorrelato preparado para ser administrado a adolescentes entre os 12 e os 18 anos. É constituído por 8 itens que avaliam a inflexibilidade psicológica resultante da sobreposição dos processos da fusão cognitiva (e.g., “Os meus pensamentos e sentimentos atrapalham a minha vida”) e do evitamento experiencial (e.g., “Paro de fazer coisas que são importantes para mim sempre que me sinto mal”). Os itens são pontuados segundo uma escala de tipo Likert de 4 pontos (0 = “Nada verdadeira” a 4 = “Muito verdadeira”), dependendo do grau em que o indivíduo se identifica com a afirmação, sendo que pontuações elevadas correspondem a maior inflexibilidade psicológica. A versão original (Greco et al., 2008) obteve um $\alpha = .83$, o que garante boa consistência interna. A versão portuguesa, encontra-se em validação. Posto isto, apresentam-se as qualidades psicométricas do instrumento

base do AFQ-Y8, o AFQ-Y com 17 itens. A versão original (Greco et al., 2008) apresenta bons níveis de consistência interna, tendo obtido um $\alpha = .90$. O mesmo se verifica na versão portuguesa (Cunha & Santos, 2011), tendo obtido $\alpha = .82$. Os dados apontam ainda para a validade de construto, encontrando-se uma associação negativa em relação a medidas positivas (e.g., competências sociais) e associação positiva em relação a medidas de sintomatologia (e.g., ansiedade e humor depressivo; Cunha & Santos, 2011; Greco et al., 2008). Na presente amostra obteve-se um $\alpha = .81$.

Children's Automatic Thoughts Scale – Negative/ Positive (CATS-N/P)

Este questionário (Hogendoorn et al., 2010; versão portuguesa adaptada Fernandes, 2012) é, igualmente, um instrumento de autorrelato composto por 46 itens, pontuados segundo uma escala Likert de cinco pontos (0 = “Nunca” a 4 = “Sempre”). Tem como objetivo a avaliação da frequência com que determinado pensamento automático ocorreu durante a semana anterior. A escala é constituída por cinco subescalas, que têm por base o conteúdo dos pensamentos, no entanto, no presente estudo apenas serão consideradas as quatro subescalas que caracterizam os Pensamentos Negativos (i.e., desadaptativos): a *Visão Negativa de Si* (e.g., “Não consigo fazer nada bem”), a *Ameaça Social* (e.g., “Os outros vão pensar que sou estúpido/a”), a *Ameaça Física* (e.g., “Tenho medo de perder o controlo”) e a *Hostilidade* (e.g., “Algumas pessoas têm o que merecem”). É possível obter um índice total para cada uma das subescalas que varia entre 0 e 40 pontos. A versão original do instrumento (Hogendoorn et al., 2010) apresenta bons níveis de consistência interna para todas as suas subescalas e escala completa: *Ameaça Física*, $\alpha=.84$; *Ameaça Social*, $\alpha=.89$; *Fracasso Pessoal*, $\alpha=.87$; *Hostilidade*, $\alpha=.83$ e Total de Pensamentos Negativos, $\alpha=.94$. A versão portuguesa (Fernandes, 2012) apresenta, igualmente, boas qualidades psicométricas, tal como as suas subescalas: *Ameaça Física*, $\alpha=.67$; *Ameaça Social*, $\alpha=.88$; *Visão Negativa de Si*, $\alpha=.90$; e *Hostilidade*, $\alpha=.74$ (Santos, 2015). Os dados apontam para a validade de construto, encontrando-se uma associação positiva em relação a medidas de sintomatologia e emocionais (e.g., ansiedade e problemas de atenção e impulsividade; Fernandes, 2012; Hogendoorn et al., 2010). Na presente amostra obteve-se para bons indicadores de consistência interna para as suas subescalas: *Visão Negativa de Si*, $\alpha = .92$; *Ameaça Social*, $\alpha = .92$; *Hostilidade*, $\alpha = .77$; e *Ameaça Física*, $\alpha = .75$.

Procedimentos

Após autorização da Direção-Geral da Educação, os dados foram recolhidos depois de obtida a devida autorização e consentimento informado de todos os envolvidos e/ou seus representantes legais, cumprindo com o Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses, a Declaração de Helsínquia da Associação Médica Mundial, a Convenção de Oviedo, e o Regulamento Geral de Proteção de Dados. Garantiu-se assim, que a participação do participante seria voluntária, podendo desistir a qualquer momento, assim como, anónima e confidencial.

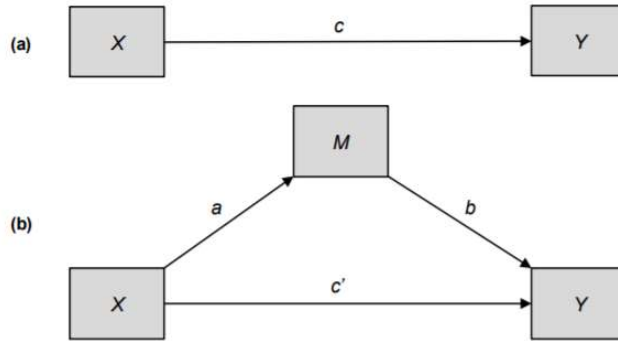
O protocolo será administrado em formato impresso, num único momento e de forma presencial, prevendo-se a duração entre 40 a 50 minutos para o seu preenchimento, contando com o apoio da investigadora/mestranda. Este inclui um questionário sociodemográfico solicitando informações acerca do aluno (e.g., idade; sexo; ano de escolaridade que frequenta e número de reprovações; se existe ou não algum acompanhamento psicológico individual e/ou algum problema de saúde diagnosticado, a nível físico e/ou psicológico; com quem vive e a profissão das pessoas com quem vive o aluno).

Após a recolha dos dados, estes serão exportados para a plataforma de análise estatística IBM SPSS *Statistics*, para a criação da base de dados. No SPSS irão ser conduzidas análises para caracterização da amostra, assim como se irá realizar uma análise preliminar da associação entre as variáveis em estudo, recorrendo a análises de correlação. Posteriormente, para analisar a mediação, recorrer-se-á ao programa estatístico MPLUS. A mediação (Figura 1) pode ser definida pelo processo em que a variável independente (i.e., Flexibilidade Psicológica) influencia a variável dependente (Comportamentos Agressivos), através de um efeito indireto causado pela variável mediadora (Pensamentos Automáticos), ou seja, através das relações entre estas variáveis, pode-se perceber como ou porque determinado processo em estudo ocorre (Fairchild & MacKinnon, 2009; Hoyle & Robinson, 2004; MacKinnon & Luecken, 2008), tal como é pretendido no presente estudo. A mediação pode ter, por isso, um efeito total ou parcial nas restantes variáveis. O efeito total refere-se ao efeito total da flexibilidade psicológica nos comportamentos agressivos (c), onde a introdução dos pensamentos automáticos reduziria a relação entre a flexibilidade psicológica e os comportamentos agressivos. Existindo uma mediação parcial significaria que os pensamentos automáticos são responsáveis por algumas relações entre a flexibilidade psicológica e o comportamento agressivo, isto é, haveria uma relação significativa entre a flexibilidade

psicológica e o comportamento agressivo, mas também entre os pensamentos automáticos e o comportamento agressivo.

Figura 1

Modelo Concetual e Estatístico de Mediação Simples



Nota. Flexibilidade Psicológica (X), Comportamento Agressivo (Y), Pensamentos Automáticos (M); efeito total da FP no comportamento agressivo (c); efeito (direto) da FP no comportamento agressivo, controlado pelos PA (c'); efeito dos PA no comportamento agressivo (b); efeito do comportamento agressivo nos PA (a); efeito indireto da FP no comportamento agressivo (ab). Assim, o efeito total é o resultado do efeito indireto da FP no comportamento agressivo, somado ao efeito direto da FP no comportamento agressivo, controlado pelos PA (i.e., $c=ab + c'$), de acordo com Hayes (2013).

RESULTADOS

Análises preliminares

De acordo com as análises realizadas (cf. anexo 1), o valor de significância do teste de Kolmogorov-Smirnov é significativo para as subescalas que avaliam as formas de comportamento agressivo e os pensamentos automáticos desadaptativos, o que significa que estas medidas não seguem a distribuição normal. A escala que avalia a inflexibilidade psicológica é a única que segue uma distribuição normal, apresentando um valor de significância não significativo ($p = .20$). De modo a manter a consistência nas análises de dados irá recorrer-se, para todas as medidas em estudo, a medidas robustas a desvios à distribuição normal.

Análises de correlação

Realizou-se, através do programa IBM SPSS, uma análise de correlações de Spearman entre as variáveis em estudo. Observa-se que, de uma forma global, o comportamento agressivo do tipo reputacional apresenta correlações estatisticamente significativas com medidas de pensamentos automáticos desadaptativos e inflexibilidade psicológica. Já o comportamento agressivo aberto e relacional correlacionam-se de forma estatisticamente significativa apenas com a hostilidade e percepção de ameaça física; o último apresenta também uma associação estatisticamente significativa com uma visão negativa de si próprio. Em qualquer caso, quanto maior o endosso de pensamentos automáticos desadaptativos e de inflexibilidade psicológica, maior a prática de comportamento agressivo autorrelatada (Tabela 1).

Tabela 1

Valores de correlação entre as variáveis em estudo

	Comportamento agressivo		
	Aberta	Relacional	Reputacional
Pensamentos Automáticos			
Visão Negativa de Si	$r^2 = .156$	$r^2 = .167^*$	$r^2 = .210^{**}$
Ameaça Social	$r^2 = .100$	$r^2 = .121$	$r^2 = .239^{**}$
Hostilidade	$r^2 = .402^{***}$	$r^2 = .244^{**}$	$r^2 = .335^{***}$

Ameaça Física	$r^2 = .231^{**}$	$r^2 = .195^*$	$r^2 = .243^{**}$
Inflexibilidade Psicológica	$r^2 = .130$	$r^2 = .128$	$r^2 = .172^*$

Nota. (***) $p < .001$; (**) $p < .01$; (*) $p < .05$.

Modelo explicativo do comportamento agressivo

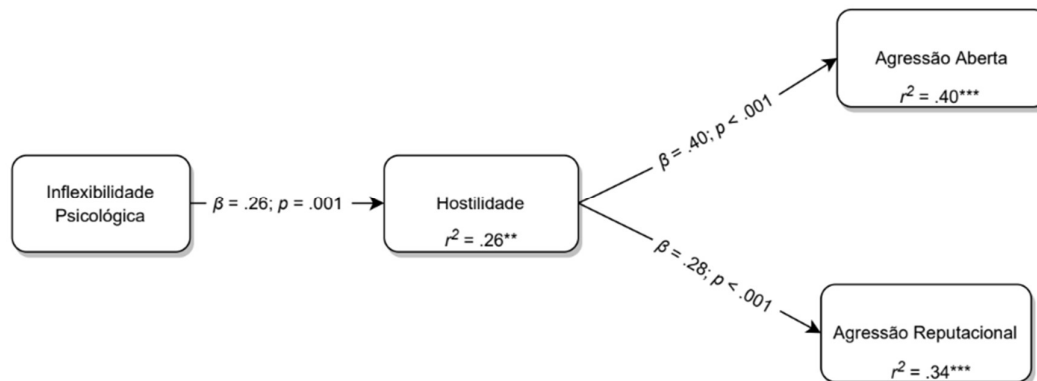
Foi utilizado o estimador *Maximum Likelihood Robust* (MLR), através do programa *Mplus*. Foram considerados os seguintes indicadores de ajustamento: qui-quadrado (X^2), *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), *Comparative Fit Index* (CFI) e *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR)]. Os modelos apresentados (i.e., modelo de base e modelo ajustado) deverão cumprir, no mínimo, dois dos três requisitos, sendo que para a componente SRMR o valor deverá ser igual ou inferior .08, podendo este ser combinado com valores do RMSEA iguais ou inferiores a .06 ou com valores do CFI iguais ou superiores a .95, de acordo com Hu e Bentler (1999).

No que concerne ao modelo de base, a medida de Inflexibilidade Psicológica foi a variável independente, as medidas de Pensamentos Automáticos foram variáveis mediadoras e as medidas de Comportamentos Agressivos foram variáveis dependentes. Os resultados indicam que este não modelo não representa um bom ajustamento aos dados pois [$X^2(6) = 142.16$, $p < .001$; RMSEA = .39, 90% IC para RMSEA = .332 a .441; CFI = .59, SRMR = .13]. Deste modo, com o objetivo de se obter um modelo parcimonioso e teórica e estatisticamente válido, foram retirados caminhos não significativos presentes no modelo base, um a um (cf. anexo 2), tendo-se obtido um modelo final, com um bom ajustamento aos dados [$X^2(2) = 1.972$, $p = .37$; RMSEA = .000, 90% IC para RMSEA = .000 a .159; CFI = 1; SRMR = .03].

No modelo estandardizado apresentam-se como variáveis dependentes as subescalas Agressão Aberta e Agressão Reputacional das formas de Comportamentos Agressivos, como variável independente a Inflexibilidade Psicológica e como variável mediadora a subescala Hostilidade da escala dos Pensamentos Automáticos. Todos os caminhos diretos foram estatisticamente significativos, conforme pode ser observado na Figura 2. Não se verificam efeitos diretos ligando a inflexibilidade psicológica aos comportamentos agressivos, pelo que a mediação foi total. O efeito indireto entre inflexibilidade psicológica e comportamento agressivo aberto foi de $\beta = .11$, $p = .008$ e o efeito indireto entre inflexibilidade psicológica e comportamento agressivo reputacional foi de $\beta = .07$, $p = .008$.

Figura 2

Caminhos estruturais entre as variáveis do modelo ajustado



A inflexibilidade psicológica demonstra ter influência, direta e positivamente, nos pensamentos automáticos hostis que, por sua vez e tendo um papel de variável mediadora, apresentam impacto sobre a forma aberta e sobre a forma reputacional do comportamento agressivo.

De forma a observar se o modelo estrutural é invariante para a variável sexo, recorreu-se a três níveis: 1) invariância ao nível configuracional, de modo a perceber se o modelo apresentado se ajusta para ambos os grupos (masculino e feminino); 2) invariância do modelo entre sexos, analisando se os caminhos de regressão entre as variáveis são iguais para ambos os grupos; e 3) invariância das médias, refletindo sobre as diferenças das médias observadas, em ambos os grupos, para as variáveis em estudo. Os índices de ajustamento do modelo considerando os dois grupos em simultâneo foram aceitáveis [$X^2(4) = 6.56, p = .16$; RMSEA = .09, 90% IC para RMSEA = .000 a .212; CFI = .96, SRMR = .05], o que permite concluir que existe invariância configuracional.

Relativamente à invariância métrica, verifica-se que o modelo assumindo invariância total [$X^2(6) = 8.60, p = .20$; RMSEA = .08, 90% IC para RMSEA = .000 a .178; CFI = .96, SRMR = .07] não resultou numa deterioração significativa no ajustamento do modelo [$\Delta X^2(3) = 7.21, p = .07$], pelo que podemos concluir pela invariância métrica total entre rapazes e raparigas. Partindo deste modelo, calculou-se a invariância ao nível dos interceptos (M2), sendo que o modelo assumindo invariância total [$X^2(10) = 39.58, p > .001$; RMSEA = .19, 90% IC para RMSEA = .135 a .263; CFI = .52, SRMR = .14] representou uma deterioração significativa no ajustamento do modelo [$\Delta X^2(4) = 26.894, p < .001$]. Ao libertar os interceptos das medidas de hostilidade e comportamento agressivo aberto, foi alcançada invariância parcial [$\Delta X^2(2) = 5.81, p = .05$],

Este último resultado é coerente com uma análise de testes não paramétricos para comparação dos valores de cada medida em análise, por sexo. Em concreto, apenas a

subescala do comportamento agressivo reputacional apresenta um valor não significativo ($Z = -1.20, p = .23$), não havendo diferenças desta variável entre sexos. A subescala dos comportamentos agressivos do tipo aberta ($Z = -4.34, p = .000$), a subescala da hostilidade dos pensamentos automáticos ($Z = -2.46, p = .01$) e a escala da inflexibilidade psicológica ($Z = -1.97, p = .05$), apresentam diferenças significativas entre o sexo masculino e o sexo feminino. Os dados descritivos permitem observar que o sexo feminino apresenta maior inflexibilidade psicológica, comparativamente ao sexo masculino. Por outro lado, os rapazes apresentam mais comportamentos agressivos dos dois tipos e maior hostilidade ao nível dos pensamentos automáticos, comparativamente às raparigas (Tabela 2).

Tabela 2

Valores de médias (M) das variáveis em estudo entre sexos

	Agressão Aberta	Agressão Reputacional	Hostilidade	Inflexibilidade Psicológica
Sexo masculino	4.23	3.69	9.06	13.66
Sexo feminino	3.31	3.46	7.08	16.22

DISCUSSÃO

O presente trabalho teve como objetivo investigar o efeito da inflexibilidade psicológica nos comportamentos agressivos dos adolescentes, assim como perceber se esse impacto é mediado pelos pensamentos automáticos. Além disso, explorou-se se o modelo explicativo do comportamento agressivo é igualmente aplicável para ambos os sexos.

A prática de comportamentos agressivos tem sido encontrada, frequentemente, em adolescentes, e os modelos de segunda geração postulam a relevância de pensamentos desadaptativos na explicação desta prática. Por sua vez, os modelos de terceira geração propõem que a forma como o indivíduo se relaciona com estes pensamentos é que dita a prática de comportamentos agressivos. Numa perspetiva integradora, conhecer como variáveis de modelos de segunda e terceira geração se conjugam num único modelo explicativo, pode permitir uma explicação mais abrangente e diversificada da prática do comportamento agressivo em adolescentes.

Os resultados obtidos demonstram existirem correlações entre as variáveis em estudo: quanto maior o endosso de pensamentos automáticos desadaptativos e inflexibilidade psicológica, maior a prática de comportamento agressivo autorrelatada. Os pensamentos automáticos desadaptativos resultam de uma representação desajustada da realidade, aliados a estados emocionais negativos, interferindo com o ajustamento do indivíduo (Gómez-Maquet, 2007). Por sua vez, estes pensamentos automáticos desadaptativos podem-se associar a uma maior inflexibilidade psicológica, onde o adolescente pode realizar uma excessiva/inadequada regulação de pensamentos (i.e., fusão cognitiva), tendo impacto nos seus comportamentos (Hayes et al., 2006; Moura & Leite, 2019), podendo-se traduzir na maior prática de comportamentos agressivos (Francis et al., 2016).

Além destas correlações, os resultados obtidos permitem concluir pela relevância da inflexibilidade psicológica nos comportamentos agressivos dos adolescentes, sendo este impacto mediado totalmente pela presença de pensamentos automáticos negativos referentes a hostilidade. Este modelo foi aplicável à explicação da prática de comportamento agressivo aberto e reputacional, de uma forma significativa e relevante. Estudos haviam postulado que mais pensamentos automáticos desadaptativos são previstos por um maior nível de inflexibilidade psicológica (Ruiz & Odriozola-González), e que preveem maior prática de comportamentos agressivos (Francis et al., 2016; Hayes et al., 2006; Moura & Leite, 2019). Em concreto, ficou evidente a relevância de pensamentos referentes à hostilidade (e não referentes a uma visão negativa de si próprio ou a

ameaça física ou social). Estes resultados associam-se aos dados encontrados na literatura, demonstrando que a agressividade se encontra associada a estilos de pensamentos caracterizados por atribuições hostis ao comportamento de outrem (Crick & Dodge, 1994), assim como se podem relacionar com uma maior tendência para a adoção de comportamentos externalizantes (Hogendoorn et al., 2010), em ambos os sexos. Já no que se refere à inflexibilidade psicológica, ela foi previamente associada, de forma direta, à adoção de comportamentos agressivos (de Castro et al., 2002), enquanto que no presente trabalho a associação foi apenas indireta. Tal pode ser explicado pelo número superior de participantes no estudo de de Castro et al. (2022), por ser um estudo de meta-análise e ainda, por existir uma multiplicidade de definições referente ao conceito de comportamento agressivo, podendo influenciar os resultados e interpretações de cada estudo analisado. Por fim, importa notar que este modelo permitiu explicar a prática de comportamento agressivo da forma aberta e reputacional, mas não relacional. Este resultado pode prender-se com o momento em que os dados foram recolhidos, uma vez que o instrumento de autorrelato solicitava aos participantes a cotação das respostas, tendo em consideração o ano anterior, momento esse em que se encontravam em isolamento social, devido à situação pandémica (i.e., COVID-19). A agressão relacional está por isso, dependente da relação do agressor com a vítima e do contexto em que se inserem (i.e., escolar), para que esta aconteça. Caso contrário, este tipo de comportamento agressivo poderá ter uma tendência para diminuir, face a períodos de isolamento social.

No que concerne ao segundo objetivo para o presente estudo (i.e., investigar se o modelo explicativo do comportamento agressivo seria igualmente aplicável para ambos os sexos), os resultados obtidos relativos à invariância configuracional e à invariância métrica total, entre sexos, reforçam a relevância das variáveis em estudo para explicar a prática de comportamento agressivo tanto em rapazes como em raparigas. Relativamente à invariância a nível dos interceptos, esta não se verifica, sendo que os resultados vão de encontro ao encontro da literatura. Segundo as análises realizadas, adolescentes do sexo feminino apresentam maior inflexibilidade psicológica, comparativamente ao sexo masculino. De acordo com a literatura, as mulheres apresentam maior vulnerabilidade para o desenvolvimento de psicopatologias (e.g., perturbações emocionais), associado a fatores biológicos e/ou genéticos (Lim et al., 2018; WHO, 2002). Deste modo, pode-se avançar com a hipótese de que a inflexibilidade psicológica poderá estar associada à presença de psicopatologias nas mulheres, uma vez que este construto é postulado como sendo a base da psicopatologia. Por sua vez, adolescentes do sexo masculino apresentam valores superiores na adoção de comportamentos

agressivos do tipo aberto e do tipo reputacional, assim como, maior hostilidade ao nível dos pensamentos automáticos.

No que refere à prática de comportamentos agressivos com maior frequência, o estudo de Neto (2014), realizado junto de adolescentes portugueses, identifica que rapazes apresentam, com maior frequência, a adoção de comportamentos agressivos nas formas relacional e reputacional, comparativamente às raparigas. Por sua vez, o presente estudo identificou que o sexo masculino adota, com maior frequência, a forma aberta e reputacional do comportamento agressivo. Ademais, existem diferenças no que respeita aos resultados apresentados relativos à hostilidade, ao nível dos pensamentos automáticos, nos adolescentes do sexo masculino, segundo Santos (2015), embora não se tenha verificado no presente estudo uma associação com os pensamentos automáticos adaptativos, tal como é verificado no estudo do autor. Estes resultados podem-se traduzir no desenvolvimento e/ou manutenção de perturbações psicológicas, tendo um impacto negativo no ajustamento do indivíduo e no seu bem-estar psicológico (Gómez-Maquet, 2007; Santos, 2015).

Existem algumas limitações que importa notar ao presente estudo, tais como a importância de desenvolver mais estudos em torno do presente tema, tendo por base o modelo de terceira geração apresentado. Outra limitação prende-se com o facto de a recolha de dados ter sido realizada em apenas duas instituições de ensino em que, algumas turmas, estavam já sinalizadas como pertencentes a contextos vulneráveis, onde a adoção de comportamentos agressivos pudesse ser mais prevalente. Deste modo, seria interessante recolher informações de mais escolas do país que permitam uma generalização mais confiável dos dados ora obtidos.

Em conclusão, o presente estudo apresenta resultados promissores a nível científico. Os resultados obtidos sugerem que o modelo concetual contribuiu para melhor explicar, teoricamente, os construtos analisados, na adolescência. Ademais, poderá contribuir para o desenvolvimento de instrumentos de avaliação e intervenção psicológica, direcionadas para esta temática e população-alvo, apoiando diferentes profissionais.

CONCLUSÃO

A presente dissertação apresenta resultados positivos, indo de encontro às evidências que se apresentam na literatura, verificando-se que os pensamentos automáticos desadaptativos são previstos por níveis superiores de inflexibilidade psicológica, prevenindo a adoção de comportamentos agressivos, tendo os pensamentos automáticos um papel mediador nesta associação. Apesar de algumas evidências não estarem em unanimidade com alguns estudos, torna-se relevante a sua análise, de modo a fortalecer a evidência empírica já existente.

Na realização deste estudo, e como expectável, encontraram-se algumas limitações, no entanto, ressaltam-se os resultados promissores que aqui se apresentam, contribuindo para o desenvolvimento de literatura científica, continuando a responder a questões que vão prevalecendo. Espera-se que este estudo seja um incentivo para estudos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Achenbach, T. M., & Rescorla, L. A. (2001). Manual for the ASEBA school-age forms and profiles. *Research Center for Children, Youth, & Families*.²
- Archer, J., & Coyne, S. M. (2005). An integrated review of indirect, relational, and social aggression. *Personality and social psychology review: An official journal of the Society for Personality and Social Psychology, Inc*, 9(3), 212–230. https://doi.org/10.1207/s15327957pspr0903_2
- Beck, A. T. (2005). Além da crença: Uma teoria de modos, personalidade e psicopatologia. In P. M. Salkovskis (Ed.). *Fronteras da terapia cognitiva* (pp. 21-40). Casa do Psicólogo.²
- Beck, A. T., & Dozois, D. J. A. (2011). Cognitive therapy: Current status and future directions. *Annual Review of Medicine*, 62(1), 397-409. <https://doi.org/10.1146/annurev-med052209-100032>
- Berkout, O. V., Tinsley, D., & Flynn, M. K. (2019). A review of anger, hostility, and aggression from an ACT perspective. *Journal of Contextual Behavioral Science*, 11(1), 34-43. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2018.12.001>
- Botelho, R. G., & Souza, J. M. C. (2007). Bullying e educação física na escola: Características, casos, consequências e estratégias de intervenção. *Revista de Educação Física*, 139(1), 58-70.²
- Buss, A. H. (1975). A agressão compensa. In J. L. Singer (Org.), *O controle da agressão e da violência: Fatores cognitivos e fisiológicos* (pp. 112-130). EPU.²
- Crick N. R. (1996). The role of overt aggression, relational aggression, and prosocial behavior in the prediction of children's future social adjustment. *Child development*, 67(5), 2317–2327.²
- Crick, N. R., & Dodge, K. A. (1994). A review and reformulation of social information-processing mechanisms in children's social adjustment. *Psychological Bulletin*, 115(1), 74–101. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.115.1.74>
- Crick, N. R., & Grotpeter, J. K. (1995). Relational Aggression, Gender, and Social-Psychological Adjustment. *Child Development*, 66(3), 710–722. <https://doi.org/10.2307/1131945>
- Cunha, M., & Santos, A. M. (2011). Avaliação da Inflexibilidade Psicológica em Adolescentes: estudo das qualidades psicométricas da versão portuguesa do Avoidance and Fusion Questionnaire for Youth (AFQ-Y). *Laboratório de Psicologia* 9(2), 135-149. <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/3457>

- de Castro, B. O., Veerman, J. W., Koops, W., Bosch, J. D., & Monshouwer, H. J. (2002). Hostile attribution of intent and aggressive behavior: A meta-analysis. *Child Development, 73*(3), 916-934. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00447>
- De Los Reyes, A., & Prinstein, M. J. (2004). Applying depression-distortion hypotheses to the assessment of peer victimization in adolescents. *Journal of clinical child and adolescent psychology: The official journal for the Society of Clinical Child and Adolescent Psychology, American Psychological Association, Division 53, 33*(2), 325–335. https://doi.org/10.1207/s15374424jccp3302_14
- Decreto-Lei nº 54/2018 da Presidência do Conselho de Ministros. (2018). Diário da República: 1ª série, nº 129. <https://files.dre.pt/1s/2018/07/12900/0292802943.pdf>
- Dias, S. A. R. (2012). *Processamento de informação social e respostas sociais em adolescentes*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro]. Repositório Institucional da Universidade de Aveiro. <http://hdl.handle.net/10773/9344>
- Fairchild, A. J., & MacKinnon, D. P. (2009). A general model for testing mediation and moderation effects. *Prevention science: The official journal of the Society for Prevention Research, 10*(2), 87-99. <https://doi.org/10.1007/s11121-008-0109-6>
- Ferguson, T. J., Eyre, H. L., & Ashbaker, M. (2000). Unwanted identities: A key variable in shame—Anger links and gender differences in shame. *Sex Roles: A Journal of Research, 42*(3-4), 133–157. <https://doi.org/10.1023/A:1007061505251>
- Fernandes, P. M. J. M. (2012). *A relação entre pensamentos automáticos, (des)ajustamento psicológico e (in)satisfação com a vida na adolescência*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/8072>
- Francis, A. W., Dawson, D. L., & Golijani-Moghaddam, N. (2016). The development and validation of the comprehensive assessment of acceptance and commitment therapy processes (CompACT). *Journal of Contextual Behavioral Science, 5*(3), 134-145. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2016.05.003>
- Galen, B. R., & Underwood, M. K. (1997). A developmental investigation of social aggression among children. *Developmental Psychology, 33*(4), 589-600. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.33.4.589>
- Gómez-Maquet, Y. (2007). Cognición, emoción y sintomatología depresiva en adolescentes escolarizados. *Revista Latinoamericana de Psicología, 39*(3), 435-447. <http://hdl.handle.net/10495/16586>
- Greco, L. A., Lambert, W., & Baer, R. A. (2008). Psychological inflexibility in childhood and adolescence: development and evaluation of the Avoidance and Fusion

- Questionnaire for Youth. *Psychological Assessment*, 20(2), 93–102. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.20.2.93>
- Hayes, A. F. (2013). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach*. Guilford Press.²
- Hayes, S. C., Luoma, J. B., Bond, F. W., Masuda, A., & Lillis, J. (2006). Acceptance and commitment therapy: Model, processes and outcomes. *Behaviour Research and Therapy*, 44(1), 1-25. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2005.06.006>
- Hogendoorn, S. M., Wolters, L. H., Vervoort, L., Prins, P. J. M., Boer, F., Kooij, E., & Haan, E. (2010). Measuring negative and positive thoughts in children: An adaptation of the children's automatic thoughts scale (CATS). *Cognitive Therapy and Research*, 34(1), 467–478 (2010). <https://doi.org/10.1007/s10608-010-9306-2>
- Hoyle, R. H., & Robinson, J. C. (2004). Mediated and moderated effects in social psychological research: Measurement, Design, and Analysis Issues. In C. Sansone, C. C. Morf, & A. T. Panter (Eds.), *The sage handbook of methods in social psychology* (pp. 213-233). Sage Publications, Inc.²
- Hu, L., Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling: A multidisciplinary Journal*, 6(1), 1-55. <https://doi.org/10.1080/10705119909540118>
- Instituto Nacional de Estatística (2011). Classificação portuguesa das profissões 2010 [2010 Portuguese classification of professions]. *Instituto Nacional de Estatística*.²
- Kendall, P. C., & Treadwell, K. R. H. (2007). The role of self-statements as a mediator in treatment for youth with anxiety disorders. *Journal for Consulting and Clinical Psychology*, 75(3), 380-389. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.75.3.380>
- Lim, G. Y., Tam, W. W., Lu, Y., Ho, C. S., Zhang, M. W., & Ho, R. C. (2018). Prevalence of depression in the community from 30 countries between 1994 and 2014. *Scientific Reports*, 8(1), 2861. <https://doi.org/10.1038/s41598-018-21243-x>
- Mackinnon, D. P., & Luecken, L. J. (2008). How and for whom? Mediation and moderation in health psychology. *Health psychology: Official journal of the Division of Health Psychology, American Psychology Association*, 27(2), 99-100. [https://doi.org/10.1037/0278-6133.27.2\(Suppl.\).S99](https://doi.org/10.1037/0278-6133.27.2(Suppl.).S99)
- Marchante, M. I. F. (2010). *A avaliação dos pensamentos automáticos negativos em crianças e adolescentes*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/2739>
- Marsee, M. A., Barry, C. T., Childs, K. K., Frick, P. J., Kimonis, E. R., Muñoz, L. C., Aucoin, K. J., Fassnacht, G. M., Kunitatsu, M. M., & Lau, K. S. L. (2011). Assessing the forms and functions of aggression using self-report: Factor structure and

- invariance of the Peer Conflict Scale in youths. *Psychological Assessment*, 23(3), 792–804. <https://doi.org/10.1037/a0023369>
- Moura, B., & Leite, R. A. (2019). Acceptance and commitment therapy (ACT). In EFPT Psychotherapy Guidebook (Ed.), *EFPT Psychotherapy Guidebook* (pp. 1-12). <https://doi.org/10.21428/fc0b32aa.19d22c72>
- Neto, A. A. L. (2005). Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(1), 164-172. <https://doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>
- Neto, A. F. S. (2014). *Medidas de agressão e vitimização em adolescentes portugueses*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro]. Repositório Institucional da Universidade de Aveiro. <http://hdl.handle.net/10773/14155>
- Pacheco, J., Alvarenga, P., Reppold, C., Piccinini, C. A., & Hutz, C. S. (2005). Estabilidade do comportamento anti-social na transição da infância para a adolescência: Uma perspetiva desenvolvimentista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), 55–61. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000100008>
- Paulo, M., Vagos, P., Ribeiro da Silva, D., & Rijo, D. (2020). The role of shame and shame coping strategies on internalizing/externalizing symptoms: Differences across gender in adolescents. *European Journal of Developmental Psychology*, 17(4), 578-597. <https://doi.org/10.1080/17405629.2019.1682991>
- Pinto, D. F. S. (2021). *Trajetórias do comportamento agressivo em adolescentes: A influência das distorções cognitivas*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Portuguesa Infante D. Henrique]. Repositório da Universidade Portuguesa. <http://hdl.handle.net/11328/3640>
- Putallaz, M., Grimes, C. L., Foster, K. J., Kupersmidt, J. B., Coie, J. D., & Dearing, K. (2007). Overt and Relational Aggression and Victimization: Multiple Perspectives within the School Setting. *Journal of School Psychology*, 45(5), 523–547. <https://doi.org/10.1016/j.jsp.2007.05.003>
- Queirós, A. N., & Vagos, P. (2016). Measures of aggression and victimization in portuguese adolescents: Cross-cultural validation of the Revised Peer Experience Questionnaire. *Psychological assessment*, 28(10), 141-151. <https://doi.org/10.1037/pas0000363>
- Ruiz, F. J. & Odriozola-González, P. (2016). The role of psychological inflexibility in Beck's cognitive model of depression in a sample of undergraduates. *Anales de Psicología*, 32(2), 441-447. <https://doi.org/10.6018/analesps.32.2.214551>
- Santos, I. M. O. (2015). *Pensamentos automáticos, esperança e satisfação com a vida na adolescência*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/23362>

- Schniering, C. A. & Rapee, R. M. (2002). Development and validation of a measure of children`s automatic thoughts: The children`s automatic thoughts scale. *Behaviour Research and Therapy*, 40(9), 1091-1109. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(02\)00022-0](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(02)00022-0)
- Takahashi, F., Ishizu, K., Matsubara, K., Ohtsuki, T., & Shimoda, Y. (2020). Acceptance and commitment therapy as a school-based group intervention for adolescents: An open-label trial. *Journal of Contextual Behavioral Science*, 16(1), 71-79. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2020.03.001>
- Tanaka, N., Uji, M., Hiramura, H., Chen, Z., Shikai, N., & Kitamura, T. (2006). Cognitive patterns and depression: Study of a Japanese university student population. *Psychiatric and Clinical Neuroscience*, 60(3), 358-364. <https://doi.org/10.1111/j.1440-1819.2006.01514.x>
- Vasconcellos, S. J. L., Picon, P., Prochnow, L. P., & Gauer, G. J. C. (2006). O processamento das informações sociais em crianças e adolescentes agressivos [The processing of social information by aggressive children and adolescents]. *Estudos de Psicologia*, 11(3), 275-279. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000300004>
- WHO (2000). World health report. *World Health Organization*. https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42281/WHR_2000-eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- WHO (2002). Gender and Mental Health. <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/68884/a85573.pdf;jsessionid=8592F6B3DFABCD07AB95E784897B16C9?sequence=1>
- Wilson, K. A., & Chambless, D. L. (1999). Inflated perceptions of responsibility and obsessive-compulsive symptoms. *Behaviour research and therapy*, 37(4), 325-335. [https://doi.org/10.1016/s0005-7967\(98\)00146-6](https://doi.org/10.1016/s0005-7967(98)00146-6)
- Zarling, A., Lawrence, E., & Marchman, J. (2015). A randomized controlled trial of acceptance and commitment therapy for aggressive behavior. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 83(1), 199-212. <https://doi.org/10.1037/a0037946>

¹ Documento não possui a indicação do volume na sua origem.

² Documento não possui a indicação do link de acesso.

ANEXOS

Anexo 1

Figura 3

Análise da normalidade dos dados das medidas em estudo

Teste de Kolmogorov-Smirnov de uma amostra

		RPEQ_Aberta	RPEQ_Relacional	RPEQ_Reputacional	CATS_Visão NegSi	CATS_AmeacaSocial	CATS_Hostilidade	CATS_AmeacaFísica	AFQY_Total
N		155	155	155	155	154	155	155	154
Parâmetros normais ^{a,b}	Média	3,70	3,97	3,5548	18,40	13,98	7,91	5,15	15,16
	Desvio Padrão	1,492	1,739	1,16297	12,855	10,191	5,075	4,305	6,910
Diferenças Mais Extremas	Absoluto	,402	,312	,419	,092	,110	,084	,141	,062
	Positivo	,402	,312	,419	,092	,110	,084	,141	,062
	Negativo	-,320	-,288	-,317	-,076	-,085	-,060	-,116	-,057
Estatística do teste		,402	,312	,419	,092	,110	,084	,141	,062
Significância Assint. (Bilateral)		,000 ^c	,000 ^c	,000 ^c	,003 ^c	,000 ^c	,009 ^c	,000 ^c	,200 ^{c,d}

Anexo 2

Figura 4

Caminhos não significativos retirados do modelo base

```
! ab on ip
! rel on AS
! rel on VNS
! rel on AF
! rep on AS
! rep on AF
! rep on VNS
! Ab on VNS
! rel on IP
! rel on host
! Rep on IP
! ab on AF
! ab on AS
```

Nota. Caminhos não significativos retirados do nível de significância mais alto para o mais baixo. Inflexibilidade Psicológica (IP); Comportamento Agressivo do tipo Aberto (ab), Relacional (rel) e Reputacional (rep); Ameaça Social (AS); Ameaça Física (AF); Visão Negativa de Si (VNS); Hostilidade (host).

